

S EMINÁRIO MULHERES NA CIÊNCIA DA UnB

DATA: 21 e 22 DE MARÇO DE 2018

LOCAL: AUDITÓRIO DO MAT/UnB



PALESTRAS

MESA REDONDA

PAINÉIS

COMITÊ ORGANIZADOR:

- *Aline Pinto (MAT/UnB)*
- *Daniele Nantes (MAT/UnB)*
- *Jaqueline Mesquita (MAT/UnB)*
- *Liliane Maia (MAT/UnB)*
- *Luciana Ávila (MAT/UnB)*
- *Regina Pina (MAT/UnB)*



*Presença da Magnífica Reitora
Márcia Abrahão*

APOIO:

Boas-vindas

É com grande prazer que os recebemos no Seminário Mulheres na Ciência que será realizado na Universidade de Brasília, Brasil, nos dias 21 e 22 de março de 2018. Desejamos que aproveitem o seminário.

Comitê Organizador

Aline Pinto (MAT/UnB)
Daniele Nantes (MAT/UnB)
Jaqueline Mesquita (MAT/UnB)
Liliane Maia (MAT/UnB)
Luciana Ávila (MAT/UnB)
Regina Pina (MAT/UnB)

Comitê Local

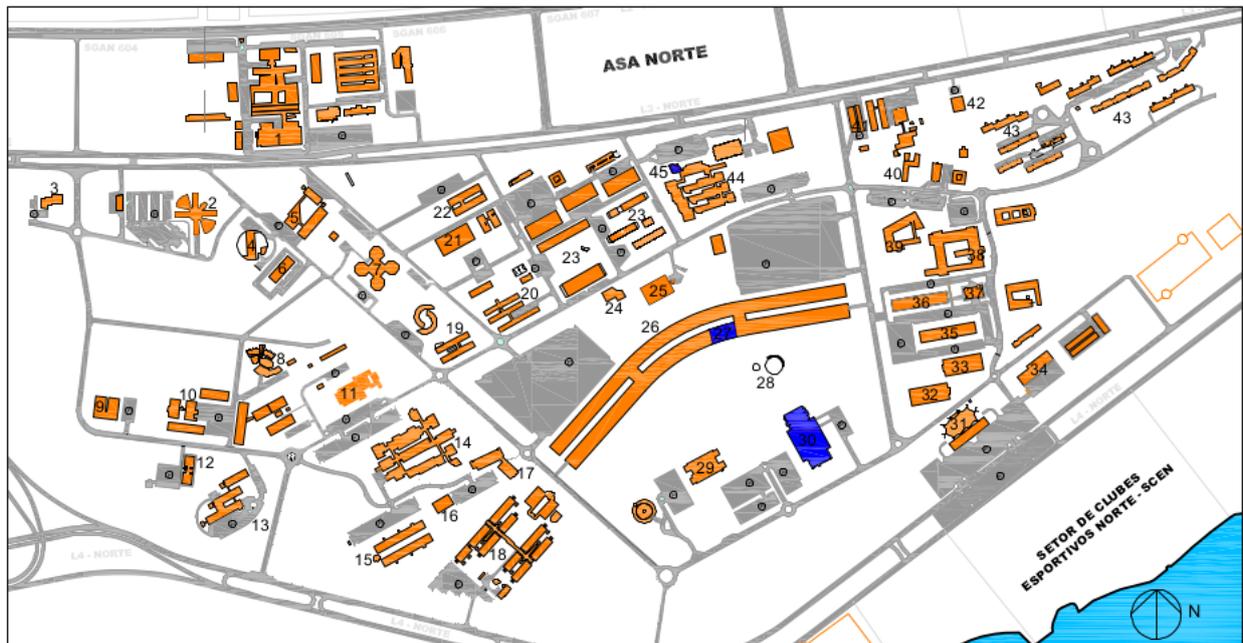
Elaine Silva (MAT/UnB)
Francisca Cappelleso (MAT/UnB)
Hanna Rezende (MAT/UnB)
Juliana Canella (MAT/UnB)
Melissa Luiz (MAT/UnB)

Endereço

SEMINÁRIO MULHERES NA CIÊNCIA DA UNB
Universidade de Brasília
Departamento de Matemática
Campus Universitário Darcy Ribeiro
70910-900 Brasília - DF
Email: mulheres.mat.unb@gmail.com

Reitora: Márcia Abrahão Moura
Diretor do Instituto: Gladston Luiz da Silva
Chefe de Departamento: Ricardo Ruviano

Mapa da Universidade de Brasília



1- HUB (Hospital Universitário) - University hospital	16- MASC	31- Centro Comunitário Athos Bulcão - Community Center
2- Finatec	17- BSA	32- CIC
3- FUBRA	18- Instituto de Biologia - Biology Institute	33- UED
4- AUTOTRAC	19- PMU II	34- Almoarifado - Warehouse
5- FIO CRUZ	20- PMU II	35- PJC
6- CAEP	21- FE	36- PAT
7- CET	22- Casa do Professor	37- MASC
8- CRAD	23- SG 1 ao SG 12	38- FACE
9- CDT	24- Banco do Brasil - Bank	39- FA
10- CME	25- Restaurante Universitário - University Restaurant	40- ASFUB
11- NMT	26- ICC	41- Posto de Gasolina/Subway/Spoletto - Gas Station/Restaurant
12- CPD	27- Departamento de Matemática - Math department	42- PMDF - Police
13- CESPE	28- Teatro de Arena Honestino Guimarães - Arena Theater	43- Colina
14- Faculdade de Saúde - Health College	29- Reitoria - Rectory	44- FT
15- Instituto de Química - Chemistry Institute	30- Biblioteca - Library	45- Auditório da FT

Sumário

Cronograma	6
Resumos das palestras	8
Professora Dra. Ana Liési Thurler	
Ciência, gênero e raça. Colonialidade e representação	9
Professora Dra. Carolina Araujo	
A matemática brasileira sob a perspectiva de gênero	9
Professora Dra. Cecília Salgado	
TBA	10
Professora Dra. Christina Brech	
Mulheres na Matemática: um (des)equilíbrio estável	10
Professora Dra. Débora Diniz	
TBA	10
Professora Dra. Keti Tenenblat	
Reflexões sobre a minha trajetória na Matemática	11
Professora Dra. Lia Zanotta	
TBA	11
Professora Dra. Liliane Maia	
Uma visão sobre a questão de gênero na Matemática da UnB	11
Magnífica Reitora Márcia Abrahão	
TBA	12
Professora Dra. Márcia Barbosa	
Mulheres nas Exatas: Uma verdade Inconveniente	12
Professora Dra. Márcia Federson	
Mulheres na Matemática	12
Professora Dra. Maria Emília	
Reflexões sobre gestão feminina na área de Ciências Exatas na Universidade de Brasília	13
Professora Dra. María Isabel Cortez	
About women in mathematics in Chile	13
Professora Dra. Valeska Zanello	
Mulheres e saúde mental: desafios da/na carreira científica	14
Professora Dra. Vanessa Carvalho de Andrade	
Física: uma possível carreira para mulheres	15
Apresentação dos projetos da UnB	17
Professora Dra. Adriana Pereira Ibaldo	
Atraindo meninas e jovens mulheres do DF para a carreira em Física: primeiros estudos	18
Professora Dra. Aletéia Araújo	
Computação Também é Coisa de Menina - do Fundamental ao Ensino Superior	20
Professora Dra. Dianne Viana	
TBA	21
Lilah Fialho	
A Menina que Calculava	21

Cronograma

HORÁRIO	21/03/2018 QUARTA-FEIRA	22/03/2018 QUINTA-FEIRA
<i>Chairwoman</i>	<i>Jaqueline Mesquita</i>	<i>Jaqueline Mesquita</i>
8h – 8h40	INSCRIÇÕES	Keti Tenenblat MAT/UnB
8h40 – 9h20	ABERTURA	Liliane Maia MAT/UnB
9h20 – 10h	Débora Diniz FD/UnB	Maria Emília Walter CIC/UnB
10h – 10h40	Márcia Barbosa IF/UFRGS	Christina Brech IME/USP
10h40– 11h10	COFFEE-BREAK	COFFEE-BREAK
<i>Chairwoman</i>	<i>Jaqueline Mesquita</i>	<i>Aline Pinto</i>
11h10 – 11h50	Ana Liési Thurler Grupo de Pesquisa Vozes Femininas/UnB	Lia Zanotta DAN/UnB
11h50- 12h30	Valeska Zanello PCL/UnB	Cecília Salgado IM/UFRJ
12h30 – 12h50	FOTO OFICIAL DO EVENTO	ALMOÇO
12h50 – 14h30	ALMOÇO	
<i>Chairwoman</i>	<i>Daniele Nantes</i>	<i>Mediadora: Liliane Maia</i>
14h30 – 15h10	María Isabel Cortez Dep. Matemática y Computación/USACH	<i>Mesa redonda</i> Carolina Araujo (IMPA) Cecília Salgado (IM/UFRJ), Christina Brech (IME/USP), Jaqueline Mesquita (MAT/UnB), Keti Tenenblat (MAT/UnB), Maria Emília Walter (CIC/UnB).
15h10 – 15h50	Carolina Araujo IMPA	
15h50 – 16h30	COFFEE-BREAK	
<i>Chairwoman</i>	<i>Aline Pinto</i>	<i>Liliane Maia</i>
16h30 – 17h10	Márcia Federson ICMC/USP	Palestra de Encerramento Magnífica Reitora Márcia Abrahão
17h10 – 17h20	Vanessa Carvalho IF/UnB	ENCERRAMENTO
17h20 – 17h50		COQUETEL*
17h50 – 18h50	<i>Apresentação de projetos da UnB</i> Adriana Ibaldo (IF/UnB) Aletéia Araújo (CIC/UnB) Dianne Viana (FT/UnB) Lilah Fialho (IF/UnB)	

*O Coquetel de Encerramento será realizado no Departamento de Matemática.

Resumos das palestras

Ciência, gênero e raça. Colonialidade e representação

Professora Dra. Ana Liési Thurler (ana_liesi@ud.com.br)

Grupo de Pesquisas Vozes Femininas

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil.

Resumo

Por que mulheres e mais ainda mulheres negras estão subrepresentadas na ciência e, especialmente, na matemática? A rigor, podemos falar em ciência "pura"? De onde surgiriam as "impurezas" da ciência?

A matemática brasileira sob a perspectiva de gênero

Professora Dra. Carolina Araujo (caraujo@impa.br)

Instituto de Matemática Pura e Aplicada

Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

De acordo com um estudo recente produzido pela Elsevier, a participação feminina na pesquisa científica matemática no Brasil no quinquênio 2011-2015 é de pouco menos de 25%. Por outro lado, dentre os bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em matemática, probabilidade e estatística, as mulheres não chegam a 13%. Já no nível 1A, elas não chegam a 7%. As estatísticas do último Colóquio Brasileiro de Matemática confirmam este cenário. A discrepância de gênero na matemática brasileira pode ser observada ainda antes do ingresso no ensino superior. A Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas nos fornece dados expressivos e alarmantes. Nesta palestra exibiremos algumas estatísticas que dão um panorama da matemática brasileira sob a perspectiva de gênero, discutiremos alguns fatores que contribuem para esta discrepância, em especial estereótipos culturais, e faremos algumas reflexões sobre possíveis caminhos e iniciativas para a feminização da matemática brasileira.

TBA

Professora Dra. Cecília Salgado (salgado@im.ufrj.br)
Instituto de Matemática
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

TBA

Mulheres na Matemática: um (des)equilíbrio estável

Professora Dra. Christina Brech (brech@ime.usp.br)
Instituto de Matemática e Estatística
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil.

Resumo

Apresentaremos dados históricos e atuais da comunidade matemática no Brasil que evidenciam não apenas a discrepância de gênero, mas também que ela está relativamente estável ou aumentando. Em seguida, discutiremos possíveis causas, além de iniciativas locais, nacionais e internacionais que visam reverter esta tendência.

TBA

Professora Dra. Débora Diniz (d.diniz@anis.org.br)
Faculdade de Direito
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil.

Resumo

TBA

Reflexões sobre a minha trajetória na Matemática

Professora Dra. Ketí Tenenblat (k.tenenblat@mat.unb.br)

Departamento de Matemática

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil.

Resumo

Irei relatar alguns aspectos da minha trajetória desde a escolha da profissão, até o desenvolvimento pleno da minha carreira na matemática, sob a perspectiva de gênero.

TBA

Professora Dra. Lia Zanotta (liazmac@gmail.com)

Departamento de Antropologia

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil.

Resumo

TBA

Uma visão sobre a questão de gênero na Matemática da UnB

Professora Dra. Liliane Maia (l.a.maia@mat.unb.br)

Departamento de Matemática

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil.

Resumo

Uma breve reflexão sobre minha experiência como aluna e professora no Departamento de Matemática da Universidade de Brasília durante os últimos 40 anos. Especialmente, observações resultantes do período na Coordenação do Programa de Pós Graduação do MAT.

TBA

Magnífica Reitora Márcia Abrahão (agendamrt@unb.br)

Universidade de Brasília
Brasília, Brasil.

Resumo

TBA

Mulheres nas Exatas: Uma verdade Inconveniente

Professora Dra. Márcia Barbosa (marcia.barbosa@ufrgs.br)

Instituto de Física
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil.

Resumo

Nesta palestra iremos mostrar que o percentual de mulheres nas áreas de exatas diminui à medida que se avança na carreira. Iremos discutir como isto tem reflexos na produção acadêmica e como é possível atuar na mudança deste cenário.

Mulheres na Matemática

Professora Dra. Márcia Federson (federson@icmc.usp.br)

Departamento de Matemática
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil.

Resumo

Fazemos algumas considerações e levantamos alguns aspectos importantes sobre as mulheres na Matemática.

Reflexões sobre gestão feminina na área de Ciências Exatas na Universidade de Brasília

Professora Dra. Maria Emília (mariaemilia@unb.br)

Departamento de Ciência da Computação

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil.

Resumo

Nesta palestra, a pesquisadora irá relatar sua trajetória de gestora na UnB, desde a coordenação de graduação, passando por vice-chefia e chefia de Departamento, depois vice-diretora e diretora do Instituto de Ciências Exatas, até chegar a Decana de um novo Decanato, contando as principais dificuldades enfrentadas e as experiências vividas. Além disso, irá correlacionar essa experiência com o seu caminho de pesquisadora numa área nova e multidisciplinar como Bioinformática, na qual trabalhou durante os últimos 18 anos. Por fim, ela contará um pouco sobre o projeto "Meninas na Computação"(CIC), destinada às meninas de ensino médio de escolas públicas, como experiência para incentivar meninas a atuarem nesta área tão masculina. Permeando a vida profissional, serão relatados aspectos e influências da sua vida familiar.

About women in mathematics in Chile

Professora Dra. María Isabel Cortez (mariaisabel.cortez@gmail.com)

Dep. Matemática y Computación

Universidad de Santiago de Chile

Santiago, Chile.

Resumo

We are going to present an overview of the situation of women in mathematics in Chile, as well as some of the initiatives of the Colectivo de Mujeres Matemáticas en Chile in order to make visible and improve this situation.

Mulheres e saúde mental: desafios da/na carreira científica

Professora Dra. Valeska Zanello (valeskazanello@ud.com.br)

Departamento de Psicologia Clínica

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil.

Resumo

Os impactos que o gênero exerce sobre a saúde mental não são pequenos e têm sido cada vez mais estudados. Eles são específicos de cada cultura e de um determinado momento histórico. No Brasil, atualmente, eles são marcados por um binarismo sexista que privilegia caminhos de subjetivação diferenciados para homens e mulheres. Os homens se subjetivam, sobretudo, no dispositivo da eficácia: de forma sucinta, para serem considerados "verdadeiros" homens devem ser "comedores" ("fodedores ativos") e trabalhadores/provedores. Já as mulheres se subjetivam nos dispositivos amoroso e materno. Dizer que as mulheres se subjetivam no dispositivo amoroso implica em dizer que o amor é algo identitário para elas. Elas se subjetivam em uma relação consigo mesmas mediada pelo olhar de um homem que as "escolha". A metáfora que criei para entender esse processo é a seguinte: as mulheres se subjetivam na prateleira do amor. Essa prateleira é profundamente perversa pois é mediada por um ideal estético que se construiu desde o começo do século passado: branco, loiro, magro e jovem. Além disso, se subjetivam em rivalidade com as outras mulheres. No dispositivo materno, as mulheres são interpeladas pelo heterocentrismo (diferentemente dos processos masculinos que são marcados pelo egocentrismo), na naturalização do cuidado dos outros (mesmo que ela não tenha filhos seus) e na priorização das demandas alheias em detrimento de suas próprias. Um homem que se dedique de corpo e alma a sua carreira está consolidando sua afirmação identitária, da qual decorrem vários benefícios narcísicos e sociais. Já as mulheres, encontram-se em uma encruzilhada, pois dedicar-se de corpo e alma a seu projeto profissional, implica, muitas vezes, em deixar de lado, ou investir menos exatamente nos pontos pelos quais é demandada identitária e socialmente como "mulher": a vida amorosa e a vida familiar. Levando isso em consideração, como pensar a situação de mulheres que têm verdadeiros projetos e sonhos pessoais? A presente palestra terá como foco refletir sobre os desdobramentos dessa pergunta, pautando, de um lado, os desafios pessoais e de descolonização afetiva que isso implica e, de outro, os usos e abusos sexistas que o ambiente universitário-científico impõe no sentido de se aproveitar desses processos de subjetivação (tanto do dispositivo amoroso quanto do materno), os quais favorecem, sobretudo, os homens.

Física: uma possível carreira para mulheres

Professora Dra. Vanessa Carvalho de Andrade (vcandrade7234@gmail.com)

Instituto de Física
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil.

Resumo

A Física, dentre as áreas do conhecimento no campo das exatas, continua sendo talvez a mais refratária à entrada das mulheres em seu domínio de atuação. Mesmo considerando que áreas como Matemática, Engenharia e Química estejam entre as últimas fronteiras conquistadas pelas mulheres, há que se levar em consideração alguns fatores que colocam a Física ainda em maior desvantagem. De fato, a Física, como profissão, possui perfil quase exclusivamente masculino sendo que mundialmente apenas 15% dos profissionais em Física são do sexo feminino. Dados bem recentes mostram que há um conjunto de fatores que tornam pequena a presença das mulheres na Física, mas que são amenizados nessas outras áreas. As Engenharias, por exemplo, são tradicionalmente opções de carreiras prestigiadas e as profissões são reconhecidas e valorizadas financeiramente. Isso atrai naturalmente as estudantes com afinidades em Matemática e Ciências. O curso de Matemática ganha motivações para o ingresso baseadas na perspectiva da licenciatura, que oferece alta empregabilidade no ensino básico. A Química, por sua vez, abriga um número de mulheres em ascensão por suas amplas opções no mercado de trabalho. Por outro lado, o estereótipo do Físico como um cientista genial, porém isolado, a crença de que a profissão não oferece estabilidade financeira suficiente e finalmente o fato de representar uma escolha de carreira árdua do ponto de vista de dedicação são fatores determinantes para a fuga das meninas da profissão. Esses fatores entram em conflito direto com as características ditas "biológicas" das mulheres, tais como a sociabilidade, comunicabilidade e interesses multifacetados (a Física, em contraposição, exige altíssimo grau de dedicação e foco nos estudos e pesquisas). Há que se mencionar novamente a maternidade e cuidados com a família como fatores, se não definitivos, ao menos extremamente relevantes nessas escolhas profissionais. Assim, a Física (ao lado da Computação, que é uma área nova) se configura, dentro das ciências exatas como a última fronteira, aquela que ainda não atraiu mulheres de forma consistente e continuada. Vemos que as mulheres representam uma minoria nas turmas universitárias da Física e que esse número diminui ao longo da vida acadêmica, desde a formação (na graduação, mestrado e doutorado) e na própria ascensão da carreira. É preciso, portanto, quebrar paradigmas e garantir o acesso e permanência à formação científica, além de possibilitar o avanço na carreira dessas áreas do conhecimento. Nesse sentido, podemos elencar um conjunto mínimo de ações prioritárias a serem consideradas junto às estudantes iniciando pela formação básica até a Pósgraduação:

1. Despertar o interesse para as Ciências e Matemática desde o Ensino Fundamental
2. Criar uma identificação das meninas com as Cientistas atuais e as que tiveram importância histórica, para que reconheçam nessas áreas uma carreira viável e interessante
3. Desmistificar a ideia de que as meninas possuem dificuldades biológicas inerentes que as impossibilitam de desenvolver estudos avançados nas áreas de exatas
4. Desmistificar a chamada incompatibilidade entre a carreira de Cientista e o casamento ou maternidade
5. Identificar as dificuldades que surgem ao longo da graduação e pósgraduação enfrentadas pelas meninas que as impedem de avançar em sua formação e futura carreira
6. Promover o acesso das mulheres nos cargos de chefia e estratégicos para a Ciência, incentivando a ascensão, por exemplo, nas posições superiores à classificação de Bolsistas Produtividade do CNPq, o que pode demandar ações afirmativas.

Traçaremos um breve panorama estatístico da evolução da participação das mulheres nos espaços científicos nacionais e discutiremos como ações afirmativas, promovidas junto ao debate entre universidade e comunidade podem incentivar e promover o acesso da mulher à condição de cientista.

Referências

- [1] AGRELLO, Deise e GARG, Reva. *Mulheres na Física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento*, Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 31, n. 1, 2009.
- [2] ANDRADE, Vanessa C. e CHWANTES, Cíntia C., *Mulheres no campo da pesquisa em Física e Ciências Exatas na contemporaneidade*. In: Cristina Stevens; Susane Oliveira; Valeska Zanello. (Org.). *Mulheres e Violências - Interseccionalidades*. 1ed. Brasília: Technopolitik, 2017, v. 1, p. 445-456.
- [3] ANDRADE, Vanessa C., *Malabarismo com facas: Física e Gênero*. In: Cristina Stevens, Suzana Rodrigues de Oliveira e Valeska Zanello. (Org.). *Estudos Feministas e de Gênero: Articulações e Perspectivas*. 1ed. Florianópolis: editora Mulheres, 2014, v. 1, p. 304-312.
- [4] BARBOSA, M. C.; LIMA, B. S., *Mulheres na Física no Brasil: por que tão poucas? E por que tão devagar?* In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Abaré, 2013. p. 38-53.
- [5] BUTLER, Judith, *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.
- [6] BRUSCHINI, Cristina, AMADO, Tina., *Estudos sobre mulher e educação*. Cadernos de Pesquisa, n. 64, p. 4-13, 1988.
- [7] LAURETIS, Teresa De. *A tecnologia do gênero*. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- [8] SAITOVITH, Elisa Maria Baggio, FUNCHAL, Renata Z., BARBOSA, Márcia C. B., PINHO, Suani T. R., SANTANA, Ademir E. *Mulheres na Física. Casos históricos, panorama e perspectivas*. São Paulo, LF Editorial, 2011.

Apresentação dos projetos da UnB

Atraindo meninas e jovens mulheres do DF para a carreira em Física: primeiros estudos

Professora Dr. Adriana Pereira Ibaldo (adrianapi@fis.unb.br)

Instituto de Física
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil.

Resumo

A baixa representatividade das mulheres nos cursos de graduação e pós-graduação e corpo docente nas Universidades nas áreas de Ciências Exatas, Engenharias e Computação (em Inglês conhecida pela sigla STEM – Science, Technology, Engineering and Mathematics) ainda é uma questão atual. Apesar do crescimento de sua participação nestas áreas ao longo do século XX e início do século XXI, muitas enfrentam situações que podem levar à interrupção, em diversos níveis de formação e consolidação, de suas carreiras no meio científico. A Física ainda é vista como uma área quase que exclusivamente masculina e hostil à presença feminina. São diversas razões socioculturais relacionadas aos estereótipos de gênero que contribuem de maneira complexa para as estatísticas. A diferenciação das profissões e de papéis sociais por gênero, o reforço cotidiano dos estereótipos de gênero, relações de trabalho sexistas e o conflito casamento e maternidade versus manutenção da carreira acadêmica exercem impacto sobre as decisões das mulheres. Mais ainda, a ameaça do estereótipo de gênero frente às avaliações e situações enfrentadas no ambiente de estudo e trabalho, somada à construção da invisibilidade das mulheres na ciência e os poucos modelos femininos também desempenham papel de relevância para despertar vocações entre meninas e jovens em Física. Diversas ações têm sido estudadas e aplicadas no mundo para modificar este panorama como tentativas para diminuir a lacuna de gênero observada em Física. Frente a este panorama, em 2013 idealizei o projeto “Atraindo meninas e jovens mulheres do DF para uma carreira em Física: primeiros estudos”, cujo objetivo principal é tentar compreender as razões por trás do baixo ingresso e permanência das mulheres na área, ao mesmo tempo em que são promovidas atividades e uma página no Facebook visando atrair meninas e jovens mulheres para a área e debater a questão de gênero na física. Dentre as atividades realizadas neste projeto está a avaliação do perfil de alunas do Ensino Médio e início de graduação em Física no Instituto de Física da Universidade de Brasília (IF-UnB), e confrontar esses dados com seus colegas homens, para entender como é o perfil das alunas dentro do contexto do Distrito Federal. Além disso, o estudo do perfil de egressos dos cursos de Física do IF-UnB permite avaliar como questões de gênero influíram nas escolhas profissionais de jovens já formados. Paralelamente, é investigado o efeito de visitas programadas de alunas do Ensino Médio de diversas escolas do Distrito Federal e Entorno. Durante as visitas, monitoradas por mim e monitoras do IF-UnB, as alunas têm a oportunidade de conhecer as instalações do IF-UnB, bem como participar de oficina de experimentos em Física. Mais ainda, a presença de bolsistas em nível docente Ensino Médio, alunas de Ensino Médio e de graduação em Física em projetos de iniciação científica têm impactado positivamente atraindo novas alunas para a área de Física. Finalmente, outra vertente deste projeto consiste na divulgação científica com viés de gênero. Para tanto, criamos em 2014 a página “Portal da Menina na Física”, na rede social Facebook, página na qual são postados regularmente conteúdos sobre mulheres na ciência, violência de gênero na academia, biografias, divulgação de pesquisa realizada por mulheres e abrimos espaço para a divulgação de eventos científicos em física e áreas correlatas. A escolha pela rede social Facebook foi estratégica, uma vez que esta é uma das redes sociais mais populares entre adolescentes e jovens adultos, público-alvo deste projeto. O Portal da Menina na Física tem recebido ótimo feedback dos visitantes, em sua maioria mulheres. Além do Portal, desde 2013 têm sido realizados diversos eventos, minicursos, publicação de textos, artigos e ensaios, bem como a gravação do

programa Debates da UnB TV/NET, todos no tema de relações de gênero na Física. Todas estas ações junto à comunidade do DF têm contribuído como fator desmistificador e motivador para atrair mais meninas e jovens mulheres para a Física. Nesta apresentação falarei sobre o projeto “Atraindo meninas e jovens mulheres do DF para uma carreira em Física: primeiros estudos”, e alguns dos resultados mais relevantes obtidos até o presente momento. O projeto recebeu financiamento do CNPq (Chamada pública 18/2013 – Meninas e Jovens fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação (MCTI/CNPq/SPM-PR/Petrobrás)) no valor de R\$ 19.860,40, e sua continuação têm sido financiada pela FAPDF (Edital 03/2015 – Demanda Espontânea), no valor de R\$ 47.993,88, ambos fundamentais para a execução deste projeto.

Meninas.comp - Computação Também é Coisa de Menina - do Fundamental ao Ensino Superior

ARAÚJO, Aletéia P. F; HOLANDA, Maristela T.; LEITE, Leticia L.; WALTER, Maria E. M. T. ({aleteia, mholanda, lleite, mariaemilia}@unb.br)

Departamento de Ciência da Computação

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil.

Resumo

O Departamento de Computação (CIC) da UnB tem notado nos últimos anos uma redução drástica no ingresso de meninas na área de computação [1] [2]. Diante disso, desde 2010 um grupo de professoras do departamento tem trabalhado em um projeto de extensão, chamado Meninas.comp [3] [4], com a intenção de divulgar as profissões na área de computação. Todavia, tem-se notado que, no ensino médio, as áreas de computação e tecnologia não parecem ser a primeira escolha para essas jovens, e que muitas vezes essas meninas já iniciam o ensino médio sob uma perspectiva da sociedade, na qual a computação é pouco apoiada como uma área de atuação também de meninas. Diante do exposto, notou-se a necessidade de começar a divulgação da área de computação no ensino fundamental, e não só no ensino médio, pois muitas vezes as meninas se deparam, desde crianças, com a visão de que os cursos de tecnologia são naturalmente voltados para o público masculino. Assim, durante a SNCT o Projeto Meninas.comp apresentará vários projetos práticos desenvolvidos por meninas que ainda não estão na universidade, mas que trabalham com programação, arduíno e robótica. E assim, demonstrar, na prática, que a Matemática e as Meninas estão em tudo – do ensino fundamental ao superior, porque a computação não tem gênero!

Referências

- [1] Keinan, E., *A New Frontier: But for Whom? An Analysis of the Micro-Computer and Women's Declining Participation in Computer Science*. CMC Senior Teses. 1466. Claremont Colleges. Disponível em http://scholarship.claremont.edu/cmc_theses/1466. Acessado em Outubro de 2017.
- [2] Maia, M. M., *Limites de gênero e presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da computação*. Cadernos Pag. n.46, pp. 223-244. 2016, ISSN 1809-4449. <http://dx.doi.org/10.>
- [3] M. Holanda, A. Araujo, M. E. Walter. *Meninas.comp: Computação também é coisa de Menina!* Revista Participação. Pg. 9-19. 2016.
- [4] Maristela, Holanda; Ramos, G. N. ; Mourão, R.; Araujo, Aleteia; Maria Emilia M. T. Walter. *Percepção das Meninas do Ensino Médio sobre o Curso de Computação no Distrito Federal do Brasil*. In: LAWCC, IX Congreso de la Mujer Latinoamericana en la Computacion, 2017, Cordoba, Argentina. LAWCC, 2017. p. 53-59.

TBA

Professora Dra. Dianne Viana (diannemv@unb.br)
Departamento de Engenharia Mecatrônica
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil.

Resumo

TBA

A Menina que Calculava

Lilah Fialho (lilahfsimoes@gmail.com)
Instituto de Física
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil.

Resumo

O projeto A menina que calculava tem como objetivo oferecer monitorias gratuitas para meninas de escolas públicas nas áreas de exatas. Oferecemos monitorias para todas as séries e queremos, com essa ação, que as meninas se sintam mais confortáveis com as áreas de exatas. Queremos que elas consigam impor suas opiniões quando o assunto for ciências exatas e que sejam capazes de criticar assuntos dessas áreas. Não temos pretensões de que todas as meninas façam algum curso ligado a área de ciências exatas, mas queremos ser exemplos que elas podem seguir.